

“Publish or perish”: o produtivismo acadêmico e o adoecimento docente¹

“Publish or perish ”: academic productivism and teaching illness

Raimundo Sérgio de Farias Júnior
Universidade do Estado do Pará – UEPA
Belém-Pará-Brasil

Resumo

O artigo investiga o produtivismo acadêmico e o adoecimento docente a partir do problema: que relações se estabelecem entre a intensificação do trabalho e o processo de adoecimento de professores que atuam em cursos de Pós-Graduação de universidades públicas? É um estudo bibliográfico, complementado por uma pesquisa empírica, realizada em duas universidades públicas (UEPA e UFPA). Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, aplicada a 16 (dezesesseis) docentes. Percebeu-se que a intensificação do labor tem íntima correspondência com o adoecimento dos professores, resultando em enfermidades físicas e, sobretudo, mentais, balizadas pela racionalidade do *Publish or perish*.

Palavras-chave: Trabalho docente. Intensificação do trabalho docente. Adoecimento

Abstract

The article investigates the academic productivism and the teaching sickness from the problem: what relations are established between the intensification of work and the process of sickness of teachers who work in graduate courses of public universities? It is a bibliographic study, complemented by empirical research, carried out in two public universities (UEPA and UFPA). Data were collected through semi-structured interviews, applied to 16 (sixteen) teachers. It was noticed that the intensification of the work is closely corresponded to the sickness of the teachers, resulting in physical and, above all, mental illnesses, marked by the rationality of *Publish or perish*.

Key words: Teaching work. Intensification of teaching work. Sickness

1. Considerações iniciais

Durante o exílio nos EUA, precisamente ao longo do período nazista na Alemanha, Theodor Adorno, filósofo alemão de origem judia, deparou-se com a instalação de uma nova cultura acadêmica, alicerçada na fórmula: “*publish or perish*” (publique ou pereça). Essa fórmula, já devidamente consolidada em solo norte-americano, se disseminara no Brasil na década de 1990 e produziu diversos efeitos na vida e na saúde dos trabalhadores docentes, em especial nos do ensino superior, o que serviu de subterfúgio para justificar a intensificação do trabalho dos professores. Observando o contexto nacional, considero a intensificação do trabalho docente a partir das investigações de Sguissardi e Silva Júnior (2009). De acordo com Luz (2005), produtivismo acadêmico significa o quantum de produção intelectual (com destaque para a bibliográfica) e é realizado em um determinado espaço de tempo, considerando a titulação acadêmica do professor/pesquisador. Por outro lado, “[...] o produtivismo é o fantasma-fetice que assombra/seduz, com promessas e ameaças, a academia” (TREIN e RODRIGUES, 2011, p. 780), uma vez que sua racionalidade expressa nitidamente uma face da precarização do trabalho docente².

O trabalho intensificado do professor deve ser compreendido dentro do contexto de crise estrutural do capitalismo, algo característico do atual *ethos* de organização societal vigente. Dal Rosso (2008) compreende que a racionalidade neoliberal orienta o aumento da jornada laborativa, objetivando ampliar o regime de exploração da força de trabalho³. Na Educação Superior, especificamente os docentes, são cada vez mais compelidos a produzirem pesquisas, publicarem artigos, participarem de eventos acadêmicos, orientarem dezenas de dissertações de mestrado e teses de doutorado, além de acumularem aulas na graduação: retrato de uma universidade mercantilizada. E nesse modelo de educação superior, o sistema não admite que você adoça, pois “Na universidade mercantilizada, adoecer significa ser estigmatizado” (SGUISSARDI e SILVA JÚNIOR, 2009, p. 45).

Desse modo, esse artigo apresenta a seguinte problemática: quais relações se estabelecem entre a intensificação do trabalho docente na educação superior e o processo de adoecimento de professores que atuam em cursos de Pós-Graduação de universidades públicas? Ocorre, assim, no contexto da mundialização do capital, um processo que enseja a reestruturação do trabalho que produz, sob a batuta do capital, a intensificação da força de trabalho docente, o que acarreta estragos em sua qualidade de vida, especialmente, sobre sua saúde. Esse cenário, energizado pelas reformas educacionais efetivadas no Brasil e na

América Latina desde a década de 1990, sob a égide dos preceitos neoliberais, acentuou ainda mais a reprodução de um trabalho intensificado, bem como tem aguçado abissalmente os processos de flexibilização, precarização das relações de emprego, reforçando ainda mais a exploração subjacente ao modo de produção capitalista. No que concerne especificamente aos docentes que atuam na Educação Superior, percebemos que eles têm sucumbido física e mentalmente, sobretudo quando o trabalho é precarizado e intensificado. Nesse sentido, o alcance do produtivismo acadêmico, tendo em vista a rigorosa avaliação do MEC (Ministério da Educação) via CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), acaba por acarretar prejuízos à saúde dos docentes. Desse modo, a intensificação do trabalho docente está, por um lado, intimamente relacionada ao atendimento das novas demandas ensejadas pelo processo de mundialização do capital e que possui na educação superior importante lastro, mas, por outro lado, favorece a incidência de várias doenças que provocam o afastamento temporário ou definitivo de suas atividades profissionais.

Ressalta-se que a intensificação atinge diretamente o conjunto de trabalhadores docentes de IES (Instituições de Ensino Superior) públicas, algo que levou a uma considerável produção acadêmica na área. Esse estudo, no entanto, irá focar especificamente em docentes que atuam em programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade do Estado do Pará (UEPA) e da Universidade Federal do Pará (UFPA). Esse artigo terá como objetivos: a) Identificar processos de adoecimento mais comuns em docentes que atuam em programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da UEPA da UFPA; b) investigar quais processos de adoecimento estão mais diretamente relacionados à intensificação do trabalho docente em cursos de Pós-Graduação *Stricto Sensu* e c) Evidenciar quais fatores relativos ao exercício do magistério, em condições de intensificação, podem estar associados ao processo de adoecimento dos docentes.

2. Materiais e métodos

Considerando se tratar de um estudo que terá por orientação epistemológica o materialismo histórico dialético e na literatura que versa sobre o trabalho, intensificação do trabalho, saúde e adoecimento docente, esta pesquisa se desenvolveu em duas etapas. Tendo por base a pesquisa qualitativa, objetivei, na primeira etapa, mediante a pesquisa bibliográfica, construir as bases conceituais, descritivas, bem como a caracterização dos

aspectos teórico-metodológicos inerentes ao objeto de estudo dessa pesquisa, procurando entender seus significantes, suas relações, causas e consequências de **modo interpretativo** (ROSENTHAL, 2014).

A segunda etapa se deu mediante uma pesquisa empírica e foi realizada em duas universidades públicas: UEPA e UFPA, especificamente junto aos professores doutores que atuam em programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*. O recorte amostral foi delimitado a oito programas, quatro de cada instituição e pertencentes a diferentes áreas do conhecimento, cuja atuação docente nesses cursos tenha ultrapassado 5 (cinco) anos. O material de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, aplicada a 16 (dezesseis) docentes⁴, sendo dois de cada programa selecionado e cujo regime de trabalho seja Tempo Integral e Dedicção Exclusiva (UEPA) e Dedicção Exclusiva (UFPA). A intenção era identificar “pistas”, sinais de processos de adoecimento entre docentes atuantes em programas *Stricto Sensu*. O material coletado foi analisado conforme orienta a análise de conteúdo proposta por Bardin (1979). Além disso, é fundamental adotar determinados padrões de validação, avaliação e confiabilidade, indispensáveis à pesquisa qualitativa, especialmente quando se utiliza a entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados. Sobre isso, Creswell (2014) indica que é necessário considerar aspectos como: a) o envolvimento prolongado e a observação persistente no campo, algo que permite construir uma relação de confiança entre os participantes da pesquisa; b) na triangulação, que permite ao pesquisador utilizar múltiplas e diferentes fontes, métodos e teorias que forneçam evidências confirmadoras; c) o esclarecimento do viés do pesquisador e d) a descrição rica e densa do contexto⁵. Diante dessa questão, a presente pesquisa qualitativa tratará os dados coletados segundo a proposta de validação **transformacional**, pois ancora os objetivos da pesquisa à tradição interpretativa e visa a aproximação de valores como justiça social e ética (CHO e TRENT, 2006). A intenção, ao tomar os referidos procedimentos, é que esses me permitissem descrever e interpretar as relações que se estabelecem entre a intensificação do trabalho docente na Educação Superior e o processo de adoecimento de professores que atuam em cursos de Pós-Graduação.

3. A cultura do produtivismo

A progressão na carreira docente universitária depende da produção acadêmica e alguns quesitos são bem mais considerados que outros no processo avaliativo. Por exemplo, a produção científica, a participação em eventos científicos (de preferência Qualis⁶), a

composição de bancas de exames de qualificação e defesa (mestrado e doutorado), as orientações de iniciação científica, trabalho de conclusão de curso, dissertações e teses geram reconhecimento e prestígio acadêmico. Por outro lado, o ingresso em um programa de Pós-Graduação está condicionado a uma rigorosa avaliação, tendo grande peso o envolvimento em pesquisa científica. Eis a cultura do produtivismo instalada em nossas IES. Essa nova cultura acadêmica, alicerçada na fórmula “*publish or perish*” (publique ou pereça), enseja a necessidade de que os docentes, tendo em vista evitar que pioressem, se empenhassem ao máximo para ampliarem a quantidade (não necessariamente a qualidade) de pesquisas que resultem em publicações diversas. O *publish or perish*, contudo, é acompanhado de inúmeras implicações sobre o trabalho docente e pode, inclusive, desencadear processos de adoecimentos em função, sobretudo, da acentuação da intensificação da atividade laboral. A lógica da intensificação tem sido cada vez mais aceita e, de algum modo, naturalizada pelo corpo docente, em especial, aqueles que atuam na Pós-Graduação, em razão das pressões externas, principalmente as emanadas da CAPES/MEC (SGUISSARD e SILVA JUNIOR, 2009) É importante lembrar que desde a década de 1990, inicialmente no Governo Collor e depois nos dois mandatos de Fernando Henrique Cardoso, o Estado brasileiro vem se redefinido, o que implicou em um conjunto de reformas que afetaram em grande medida as áreas sociais, com destaque, aqui, para a educacional, especialmente a superior, sob o pretexto da “modernização”, o aumento de eficiência da administração pública, o que ensejou a adoção de medidas de flexibilidade e redução de custos (SGUISSARDI e SILVA JUNIOR, 2000).

O resultado dessa *pseudo* “nova racionalidade”, fundamentada em princípios neoliberais, sedimentaram o caminho para a instalação de uma cultura universitária balizada em uma lógica mercantil cujo *télos* reside em transformar as universidades em prestadoras de serviços para o mercado (SILVA JUNIOR, 2005; SGUISSARDI & SILVA JUNIOR, 2009). Na segunda década dos anos 2000, presenciamos a consolidação de uma educação superior pública cada vez mais orientada pelos princípios da racionalidade neoliberal, cuja semente se iniciou há quase 30 anos e que repercutiu na reestruturação do trabalho docente, especificamente, no aumento do produtivismo, desencadeando processos de adoecimento. Bianchetti, Valle e Pereira (2015), indicaram alguns aspectos positivos no produtivismo acadêmico, considerando importante a avaliação rigorosa que a CAPES efetiva, pois ela

“Publish or perish”: o produtivismo acadêmico e o adoecimento docente

acaba por influenciar positivamente em maior transparência, responsabilidade e compromisso com os recursos públicos investidos na produção científica brasileira. Mas eles advertem que a forma como se processa a avaliação imposta pela CAPES sedimentou um poderoso controle em relação ao *ethos* do fazer científico e do trabalho do pesquisador, reduzindo a vida acadêmica a uma atividade mecânica que não leva em conta as condições desfavoráveis de trabalho e tempo. A ausência das condições favoráveis torna os docentes “Reféns da produtividade” (BIANCHETTI; MACHADO, 2008), uma vez que a exigência de mais produtividade intensifica o labor e produz repercussões sobre o trabalho do professor. Já não há espaço para o usufruto do ócio, parece que sempre há algo a produzir, escrever, avaliar e orientar. 40 horas de trabalho são sempre insuficientes para dar conta da exagerada sobrecarga de labor. Eis o *ethos* acadêmico de nossos dias.

4. O produtivismo acadêmico: uma nova (?) servidão voluntária?

Ettiéne de La Boétie, filósofo francês do século XVI, escreveu uma obra muito conhecida: “Discurso da servidão voluntária”. Esse livro, um dos precursores do pensamento libertário, deixa um curioso ensinamento: por que os homens se submetem livremente a quem os oprime? Seria esse o enigma da servidão voluntária que Adorno, Horkheimer, Marcuse e Benjamin perceberam ocorrer na sociedade capitalista; uma sociedade cada vez mais controlada e administrada por poderes quase imperceptíveis à razão humana. O Sistema Capes de Avaliação é o responsável pelo estabelecimento dos critérios estipulados para a autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento dos cursos de Mestrado e Doutorado no Brasil. Orientado por uma racionalidade estritamente produtivista⁷ e com graves repercussões sobre o trabalho docente, inclusive na saúde desses profissionais, esse sistema está alicerçado na restrita lógica da quantidade de publicações, especificamente de artigos científicos – em periódicos reconhecidos pela própria CAPES – como principal critério para avaliar a produtividade de um professor.

Essa racionalidade se impõe aos professores, uma vez que esses são pressionados a atingir metas e obedecer aos critérios definidos pelo sistema de avaliação dos programas de Pós-Graduação. Não são obrigados, mas sofrem pressões para que a produção científica seja cada vez maior, ainda que alguns docentes direcionem profundas críticas ao modelo de avaliação implantado nos cursos de Pós-Graduação. De algum modo, há um certo consentimento, ainda que se mantenha a crítica a padrões de avaliação estabelecidos pelas agências de fomento. De alguma forma, quem quiser seguir na Pós-Graduação, tem que se

adaptar a essa lógica produtivista. A preocupação maior não é com a qualidade da produção, nem mesmo com outras dimensões da existência humana, mas com o *Lattes*, que deve sempre ser sempre atualizado, nem que isso implique no vazio da vida. Abdica-se de viver em prol de um *Lattes* repleto de publicações e participações em eventos de relevância acadêmica. Ainda que se questione, aceita-se os critérios estabelecidos. Mesmo sabendo dos malefícios e de algumas consequências (dentre as quais o adoecimento), ser professor de um programa de Pós-Graduação traz consigo certa autoridade acadêmica.

Muitos docentes possuem, inclusive, como meta acadêmica, o ingresso nos Programas, o que acaba por se tornar objeto de desejo de boa parte dos professores que terminam o doutorado e lecionam em IES públicas. Por quê? O fato é que, em razão de pressões externas, engendradas pelo *ethos* da sociabilidade produtiva do mundo acadêmico, em particular da Pós-Graduação, ou o docente se adapta a essa coerção ou então é excluído. Uma vez imerso na engrenagem dessa roda gigante, o docente fica suscetível às benesses e também aos agravos físicos e mentais. É possível conciliar o valor socialmente útil e transformador da produção acadêmica às exigências capeanas? Em todo caso, é preciso evitar a explosão de uma paranoia, portadora de um mal-estar na academia, conforme alertam Trein e Rodrigues (2011), ainda que seja difícil diante da sociabilidade produtiva em voga não ficarmos reféns do fetichismo do conhecimento-mercadoria. Trata-se de uma “flexploração” (BOURDIEU, 1998, p. 125), pois nos tornamos escravos de um grande chefe invisível: a economia de mercado, que foi capaz de criar um quadro de cumplicidade entre os indivíduos que vão se adaptando a uma espécie de servidão voluntária coletiva (La BOÉTIE, 1986), processo que fortalece o individualismo e enfraquece ações coletivas e de solidariedade de classe, o que enseja “[...] um exército de reserva de mão-de-obra docilizada pela precarização e pela ameaça permanente de desemprego.” (BOURDIEU, 1998, p. 140). Nessas condições, é facilitado o caminho para potencializar os graus de exploração da força de trabalho.

5. Publish: a intensificação do trabalho docente

O processo de intensificação do trabalho atinge visceralmente todo o conjunto da classe trabalhadora. Os que vivem do trabalho enfrentam essa difícil condição do processo sociometabólico do capital. As relações sociais de produção, necessárias à produção de mercadorias, acompanham a elevação dos graus de intensidade do trabalho. Na presente

“Publish or perish”: o produtivismo acadêmico e o adoecimento docente

crise estrutural do capitalismo, a utilização cada vez mais expressiva da automação tem esse fim. Essa é a questão fulcral que leva a administração societal a reduzir a porosidade do trabalho humano, tendo em vista propósitos essencialmente produtivistas. Essa nova racionalidade, força motora do crescimento econômico, traz em seu bojo um grave problema moral e social, como pondera Dal Rosso (2006). Segundo Dal Rosso (2008), vivemos uma época de “mais trabalho”, resultado das mudanças estruturais experimentadas pelo capitalismo contemporâneo.

E, à medida que dedicamos a maior parte de nossas vidas ao trabalho, reduzimos parte de nossa existência à realização de outras atividades também fundamentais para o processo de humanização, como o lazer, por exemplo. A intensidade das atividades laborais no contexto da crise estrutural do capital ensejou a necessidade – cujos propósitos residem no aumento da obtenção da mais valia (relativa e absoluta) – de reduzir a “porosidade” do trabalho, o que provoca a redução do tempo do não-trabalho, aumentando sua intensidade, provocando reflexos na saúde dos trabalhadores. A racionalidade produtivista imposta pela CAPES orienta-se por essa lógica. Assim, o trabalho vai ocupando espaços que outrora eram destinados à atividade do não-trabalho. Os docentes partícipes da coleta de dados, assim caracterizam essa situação:

Realmente, de uns anos pra cá, vivo praticamente para a universidade. E cada vez menos tenho dedicado menos tempo para outras atividades. E isso foi tão sutilmente ocorrendo que hoje percebo que minha vida tem se resumido a isso: pesquisar, escrever, publicar, participar de eventos, orientar, reunir grupos de pesquisa... Não é o que quero, mas é assim que funciona (VI UFPA).

É uma situação que tá cada vez mais pior. O trabalho ocupa quase tudo na minha vida. Faz tempo que não tenho um final de semana sem a preocupação em ter que entregar algum relatório, ler alguma dissertação ou entregar algum artigo. Algo que ficou pior com o surgimento dessas redes de comunicação instantânea como o whatsapp. Devagar isso vai tomando todo nosso tempo. E parece inescapável a quem se envolve com isso. Às vezes, recordo outros tempos e penso que era feliz e não sabia. Mas, repito: não sei fugir disso. (V UEPA).

Nesse sentido, o produtivismo acadêmico representa uma espécie de mal-estar característico de nossa civilização. De acordo com Freud (2006), ao mesmo tempo em que se busca a felicidade e o prazer, deparamo-nos com os paradoxos da satisfação e temos nossas paixões reprimidas pela cultura, produzindo um mal-estar que nos torna inimigos da civilização. Pertencer a um reconhecido programa de Pós-Graduação é algo que dá prestígio e reconhecimento no mundo acadêmico. Assim sendo, docentes com titulação de doutor

são cobrados para que ingressem nos referidos programas. Além do prestígio, aumentam as possibilidades de realização de intercâmbios científicos, viagens para congressos, financiamento de pesquisas, a almejada bolsa produtividade, etc. E é difícil não ser engolfado pelo produtivismo, que fortalece o individualismo e a competição. A incorporação desse *ethos* condiciona a própria existência e permanência nos programas *Stricto Sensu*. Para manter o prestígio acadêmico, é necessária a busca obstinada por financiamento de pesquisas (cada vez mais parcos e escassos), por publicações e participações em eventos que resultem em pontuações no Lattes.

Há uma pressão latente a qual tende a aumentar e que acaba por contribuir na intensificação da competitividade entre os docentes. Não basta apenas produzir. Há que se produzir mais que os demais colegas (que agora passam a ser concorrentes), numa disputa alucinada e quase paranoica para ver quem será apontado como o mais produtivo, reconhecido... Estamos diante da “cultura da performatividade” (MOREIRA, 2009)⁸ na qual o individualismo exacerbado se eleva e laços de solidariedade se enfraquecem em um processo nefasto de sociabilidade humana. No entanto, essa sociabilidade produtivista produz alguns efeitos nos professores:

Às vezes, me pergunto, porque tudo isso? Porque produzo tanto? Qual a serventia disso pra sociedade? Minha preocupação é tanta em produzir que esqueço de mim, de minha família, das coisas que me deixam mais feliz. Em troca de quê? Às vezes, penso que aceitei ser escravo dessa engrenagem. Mas como escapar dela? E não foi isso que projetei pra minha vida profissional? Mas ainda quero isso pra minha vida? Aí começo a pensar só em mim e esqueço do coletivo (VIII UFPA).

Não sei onde isso vai parar. Chegamos até aqui, porquê? Antes não era assim. Estou a me aposentar e vejo muitas mudanças. Muitas pra pior. Com os docentes de minha geração, a relação era mais amistosa, mais solidária, mais fraterna. Hoje estamos vivendo a cultura de cada um por si. Não conseguimos agir e pensar coletivamente. Os egos se inflamaram de uma maneira doentia. Paira uma vaidade que não é humana. Além de uma arrogância fenomenal por ter consigo algo que academicamente pode até ser importante, mas humanamente é desprezível. Estamos nos tornando o quê? (III UEPA)

As indagações dos docentes verificadas nos fragmentos das entrevistas apontam para algo preocupante: Para que tudo isso? Onde vamos parar? Estamos nos tornando o quê? Nesse caso, a intensificação do trabalho afetou não apenas nossa relação com as atividades profissionais, mas também nossas relações sociais no interior da universidade. Ao

“Publish or perish”: o produtivismo acadêmico e o adoecimento docente

mesmo tempo em que são mais admirados os docentes que produzem são também, de algum modo, discriminados os que não alcançam a produção esperada. Os laços de solidariedade e fraternidade enfraquecem ainda mais. Aliás, há tempo para construção de vínculos de solidariedade em um ambiente laboral tão competitivo? A instalação de uma cultura performática corrói os laços de empatia e até danifica os vínculos afetivos. Trata-se de uma luta por visibilidade (MOREIRA, 2009), na qual a preocupação demasiadamente individual (e individualista) nos afasta da possibilidade de solidariedade de classe. A intensificação do trabalho representa, também, o aumento dos graus de exploração da força de trabalho. E isso mantém íntima a relação com as mudanças estruturais pelas quais a economia capitalista vem passando desde a crise estrutural, iniciada nos anos setenta do século passado.

Além do mais, o toyotismo representa um aperfeiçoamento do modelo de organização do trabalho, uma vez que amplificou a possibilidade da intensificação do tempo dedicado às atividades laborais (DAL ROSSO, 2008). Desse modo, o tempo livre, passa a ser engolido pelo trabalho, provocando uma subtração acentuada de outros processos vitais da existência humana. Ainda que estejamos vivendo um extraordinário desenvolvimento tecnológico – que poderia liberar o homem da cultura do “mais trabalho” – percebemos que, ao contrário, esse desenvolvimento aperfeiçoou os mecanismos de submissão do homem ao trabalho. Como diria Dal Rosso (2008, p. 71), “[...] a tecnologia que poupa trabalho está falhando em liberar aqueles que trabalham”.

Com isso, instala-se uma “cultura da produtividade”, na qual aquele que não produz, via um trabalho intenso, é excluído, marginalizado, descartado... Escasseia o momento destinado ao descanso, fundamental para a reposição de energias físicas e mentais. O aumento da intensidade do trabalho não necessariamente implica no aumento da produtividade e nem no aumento da qualidade, principalmente, se considerarmos que a pressa em produzir, apresentar resultados e publicar não funciona como elemento que propicia a elevação da qualidade dos produtos acadêmicos (DAL ROSSO, 2008). Sobre isso, Bianchetti e Zuin (2012, p. 57) acrescentam que:

[...] a avidez pelo número cada vez maior de produtos científicos publicados não pode ser exclusivamente identificada como uma idiosincrasia de determinado indivíduo, pois é fundamental compreender a compulsão pela publicação de produtos acadêmicos como uma característica de um espírito do tempo. O mesmo espírito do tempo que impinge o recrudescimento da quantidade em detrimento da qualidade de tais produtos.

A crescente avidez por produzir, publicar, apresentar relatórios, orientar, tanto na Graduação quanto na Pós-Graduação, disseminada pela atual “cultura acadêmica”, depõe consideravelmente contra o processo de construção do conhecimento que é lento, gradativo, requer tempo e mediações. Instala-se, assim, uma verdadeira compulsão por publicar, mesmo que para isso a qualidade seja deixada de lado. Desse modo, será que o aumento da **quantidade** de produtos científicos é compatível com a **qualidade** do material produzido? Será que o espírito de nossos tempos permite produtos científicos com satisfatório padrão de qualidade? No que tange a essa questão, cabe reportar ao relato dos docentes entrevistados:

Certamente que a pressão pela quantidade de produção de trabalhos científicos tem impacto na qualidade dos mesmos. A pressa é realmente inimiga da perfeição. No campo acadêmico isso é mais certo ainda. Antes, quando não havia essa cobrança alucinada, tenho a sensação que produzia menos, mas melhor (II UFPA)

Hoje produzo mais. Mas não sei se produzo melhor. Espero que uma hora as agências que regulam a Pós-Graduação percebam isso e debatam outras formas de avaliação. (I UFPA)

Tenho a certeza que a qualidade de outrora é menos importante que a quantidade de hoje. Isso tem que ser revisto (IV UEPA)

Minha produção acadêmica, em especial aquela exigida pela CAPES, tem aumentado nos últimos anos. Produzo bem mais. Mas me orgulhava mais dos tempos em que produzia menos, mas sabia que estava fazendo algo bem feito. (V UEPA)

Segundo o relato dos docentes, a pressão pela quantidade de produções acadêmicas tem reflexos sobre a qualidade⁹. Dessa forma, não é possível manter o patamar da quantidade sem que isso afete a qualidade do que é produzido. A preocupação, às vezes excessiva, em melhorar o *Lattes* é incompatível com a qualidade da produção. De acordo com Luz (2005), ainda que os pesquisadores realizem um grande esforço para serem “produtivos”, não podem ser utilizados como máquinas “[...] em competição para reduzir custos na confecção de produtos renováveis a intervalos de tempo cada vez menores. O desconhecimento desse fato pode gerar [...] consequências desastrosas para a saúde de toda essa categoria profissional” (LUZ, 2005, p. 42). A reprodução da racionalidade produtivista, ao diminuir o tempo de descanso, desencadeia processos de exaustão e subtração de momentos de repouso, lazer e férias em favor do trabalho (LUZ, 2004). Esse

“Publish or perish”: o produtivismo acadêmico e o adoecimento docente

processo de intensificação do trabalho produz efeitos não apenas no processo de sociabilidade, mas também na saúde dos docentes. É o que será exposto a seguir.

6. Publish or perish: intensificação do trabalho e adoecimento docente

Assunção e Oliveira (2009, p. 363), estudando a intensificação do trabalho e a saúde dos professores da Educação Básica, entendem que: “O professor, extenuado no processo de intensificação do trabalho, teria a sua saúde fragilizada e estaria mais suscetível ao adoecimento”. O processo de intensificação do trabalho na Educação Superior, em especial o dos docentes que atuam em programas *Stricto Sensu*, ocorre em situações diferentes, mas com consequências parecidas. Entre as semelhanças está o reflexo sobre a saúde dos professores. Em estudos recentes, nos quais investigo o adoecimento docente na educação básica, percebo que as doenças que acometem os professores são preponderantemente de ordem física. Já na educação superior, é muito mais corriqueiro o desenvolvimento de doenças de natureza mental. Na Educação Básica, por exemplo, é comum o afastamento do trabalho por conta de problemas osteomusculares (traumatismos seguidos por lesões por esforços repetitivos e doenças osteoarticulares relacionadas ao trabalho como Ler/Dort) e, especialmente, nas cordas vocais em função do uso excessivo da voz. No entanto, muitos estudos destacam o ligeiro crescimento de doenças de ordem mental em docentes da educação básica. A incidência de doenças osteomusculares ocorre com menos frequência em docentes da educação superior. No entanto, o desgaste mental é muito maior, sobretudo pelas exigências das agências de regulação e fomento da Pós-Graduação em nosso país que, entre outros fatores, ensejam a intensificação das atividades laborais. O quadro abaixo procura discriminar essa situação:

Quadro I: Tipos de enfermidades que afetam os docentes

Docentes	Indicação de doenças osteomusculares (tipo)	Indicação de doenças mentais (tipo)
I UEPA	SIM, corda vocal	SIM, ansiedade
II UEPA	NÃO	SIM, angústia
III UEPA	NÃO	SIM, estresse
IV UEPA	NÃO	SIM, depressão
V UEPA	NÃO	SIM, ansiedade
VI UEPA	NÃO	SIM, angústia
VII UEPA	NÃO	SIM, depressão

VIII UEPA	SIM, corda vocal	NÃO
I UFPA	NÃO	SIM, burnout
II UFPA	NÃO	SIM, depressão
III UFPA	NÃO	NÃO
IV UFPA	SIM, coluna	SIM, depressão
V UFPA	NÃO	SIM, Burnout
VI UFPA	SIM, tendinite	SIM, estresse
VII UFPA	SIM, bursite	SIM, angústia
VIII UFPA	NÃO	SIM, depressão

Fonte: pesquisa de campo¹⁰(2019).

É expressiva a quantidade de docentes que indicaram padecer de alguma doença mental e uma quantidade inferior apontou a ocorrência de doenças osteomusculares. Dos 14 (quatorze) docentes que informaram padecer de alguma doença psíquica, 9 (nove) assinalaram que associam o desenvolvimento dessas doenças ao tipo de trabalho que realizam, tendo por base a racionalidade produtivista.

Estudos de Jacques (2003) identificaram que cerca de 30% a 40% dos trabalhadores ocupados no mundo apresentam algum tipo de transtorno mental, que são alterações no funcionamento da mente que depreciam o desempenho do indivíduo nos espaços com os quais se sociabiliza. Baião e Cunha (2013), indicam que as principais manifestações patológicas que acometem os docentes são: exaustão emocional, estresse, síndrome de *burnout*, depressão, disfunções musculoesqueléticas, distúrbio de voz, pressão alta e lesões miocárdicas. De acordo com Jacques (2003) as teorias sobre estresse, psicopatologia e psicodinâmica do trabalho, além das teorias com base no modelo epidemiológico e/ou diagnóstico e os estudos sobre subjetividade e trabalho, possibilitam a compreensão e identificação dos principais fatores ocupacionais que ensejam o desenvolvimento de patologias diversas – cenário que desperta o interesse de pesquisadores pelo estudo de questões subjacentes aos vínculos entre trabalho e saúde/doença mental, tendo em vista o crescimento de transtornos mentais e do comportamento associados ao trabalho que se constata nas estatísticas oficiais e não oficiais (JACQUES, 2003). Batista et al. (2016), analisando os transtornos mentais em professores universitários, procurou identificar quais desses males mais provocam afastamento de docentes universitários e observou que a

“Publish or perish”: o produtivismo acadêmico e o adoecimento docente

depressão foi o motivo responsável por metade dos casos de afastamento laboral, seguido de esquizofrenia, transtorno bipolar, estresse e ansiedade. Sendo assim, o desgaste mental, tendo em vista as condições objetivas e subjetivas em que se processa o labor docente universitário é inevitável e:

[...] pode ser visualizado como produto de uma correlação desigual de poderes impostos sobre o trabalho e sobre o trabalhador, acionando forças que incidem no processo biopsicossocial saúde-doença, ou melhor, uma correlação de poderes e de forças, em que o executante do trabalho se torna o perdedor e o trabalho passa a ser uma atividade cujo componente desgastante é maior do que a reposição e o desenvolvimento de suas capacidades (BATISTA et al, 2016, p. 4539).

A imposição de metas abusivas, sem a garantia das condições mínimas de realização, associada a cobranças em ambientes competitivos, podem desencadear o desenvolvimento de determinadas patologias mentais e fazer o docente sucumbir. O produtivismo acadêmico enseja o desenvolvimento de relações sociais baseadas na competição e no individualismo, tornando o ambiente de trabalho em um espaço propício ao surgimento de estresse ocupacional. Todos os docentes partícipes desse estudo informaram que o espaço onde trabalham é propício ao desencadeamento de transtornos mentais, sobretudo, por conta do tipo de relações sociais estabelecidas. No depoimento de todos os envolvidos na pesquisa aqui efetivada, os ambientes de trabalho foram caracterizados como competitivos e individualistas, onde a possibilidade de construção de laços de solidariedade e fraternidade são remotos, restrito e pouco provável. As vezes, o ambiente é “insuportavelmente desumano” (VII UFPA). Esse ambiente insuportavelmente desumano tem repercussões na saúde dos docentes, pois:

Parece que vivemos em um campo de guerra. Vale trapacear, puxar o tapete e até ficar feliz com a derrota do colega. Esse ambiente competitivo nos afasta de uma forma em que é muito difícil uma reconciliação. Ao mesmo tempo, vamos adoecendo de forma sutil. De forma que a presença do colega em uma reunião de colegiado se torne insuportável. (V UFPA)

Não é um ambiente saudável isso aqui. Estamos um contra o outro. Qualquer coisa aqui vira um campo de batalha. E isso não faz bem a nenhum de nós. Estamos todos enlouquecendo. Talvez iremos perceber isso muito tarde. Nessa disputa, talvez tenhamos alguns vencedores agora. Mas no futuro estaremos todos adoecidos disso tudo. (II UEPA)

O ambiente competitivo verificado hoje nos programas de Pós-Graduação é engendrado externamente pelo novo *ethos* universitário: a racionalidade produtivista. Essa nova racionalidade colabora para que docentes produzam incessantemente e ainda que algumas vezes isso não ocorra, sempre existirá a pressão para que sejam produtivos. Essa

pressão tende a aumentar na mesma proporção em que seus pares obtenham êxito em seus propósitos produtivistas: publiquem artigos, participem de bancas examinadoras de Mestrado, Doutorado, participem de eventos científicos, orientem muitos alunos, façam com que seus orientandos defendam dentro do prazo estabelecido pela CAPES, etc. Ou se produz ou se adocece. Ou talvez, em razão de não cumprirem as exigências produtivistas, o docente seja descredenciado do programa.

A produção docente pode contribuir para melhorar a avaliação do programa, já o contrário colabora para a estagnação e/ou descredenciamento do professor e até do curso. Por isso, a pressão capeana acaba encontrando arautos no interior do próprio programa de Pós-Graduação, que, direta ou indiretamente, pressionam seus pares para que produzam o máximo possível. Coagido, o docente pode ou não resistir a essa pressão acadêmica. Em todo caso, trata-se de uma situação que provoca mal-estar, pois, de acordo com Dejours & Abdouchely (1994), determinados tipos de organização do trabalho funcionam como uma porta de entrada de sofrimento e doença mental, o que pode gerar angústias e estratégias defensivas em função das pressões existentes na relação trabalho\doenças mentais. Entres as angústias, destaco:

Fico inseguro, receoso do que meus colegas de trabalho irão pensar de mim. Fica, às vezes, a sensação de incompetência, especialmente, quando demoro muito pra terminar um artigo e vejo que o colega já tá no quarto (V UEPA)

Certa vez ouvi comentários que eu seria descredenciado do programa pela baixa produtividade. Mas estava no meu limite físico. E eu era o único que estava com pouca produção de artigos. Me sentia incapaz e pouco produtivo. Nunca um colega do programa perguntou se eu estava bem. Mas velada e disfarçadamente perguntavam: e aí, quantos artigos esse ano? (VIII UFPA)

Já entre as estratégias defensivas:

Antes essa lógica tava tomando conta de minha vida. E isso tava me adoecendo. Hoje não. Não me descabelo. Procuo produzir dentro do limite. Ou era isso ou adoeceria ainda mais. Procuo, na medida do possível, manter um equilíbrio entre as cobranças por produtividade e o meu bem estar psíquico e social (IV UEPA).

Levava muito trabalho pra casa. Tocava celular, o whatsapp, facebook, email. Senti que precisava de um tempo para mim, pois estava adoecendo. Atualmente adoto a seguinte estratégia. Sexta feira à noite desligo, saio de tudo que é rede social. Vou viver, aproveitar os momentos com família, amigos, sem querer saber de trabalho. Assim eu vou sobrevivendo (VI UFPA).

“Publish or perish”: o produtivismo acadêmico e o adoecimento docente

Embora seja difícil no presente cenário escapar das imposições, a pressão advinda da racionalidade “*publish or perish*”, encaminha os docentes para veredas perigosas. Os relatos indicam que a intensificação do trabalho guarda uma relação muito íntima com o desenvolvimento de processos de adoecimento dos professores. Atestar esse quadro tem incentivado muitas pesquisas, sobretudo quando a pressão social sobre os docentes tende a aumentar. Há evidentes reflexos sobre seu labor, além de perceptíveis desgastes psicológicos, físicos e emocionais, elementos estruturantes no desencadeamento de estresse, depressão e sentimentos de insatisfação profissional em decorrência de atender (ou não) as exaustivas solicitações do ambiente de trabalho. As perspectivas, lamentavelmente, não são as melhores. A crise estrutural do capitalismo acena sempre para a possibilidade de elevar a densidade dos processos de superexploração do trabalhador. O produtivismo acadêmico é apenas mais um estratagema que o modo de produção utiliza para potencializar a exploração do trabalho e o adoecimento dos professores.

7. Considerações finais

Diante desse cenário, cabe a interrogação: para onde vai a produção acadêmica? Se por um lado, a produção de enorme quantidade de artigos publicados por investigadores em revistas científicas confere reconhecimento acadêmico, por outro, colabora para dar legitimidade à racionalidade produtivista em voga. A lógica meritocrática e privatista, alicerçada em pressupostos liberais, submerge a universidade na mercantilização do conhecimento, na qual artigos científicos passam a ostentar o mesmo valor social de uma mercadoria e o aumento do fetiche exercido sobre essa produção acadêmica, sobretudo se ela ocorrer em revistas científicas bem avaliadas no sistema Qualis. Agamben (2005), filósofo italiano, analisou que ocorre a espetacularização focal no interior das comunidades científicas, no qual o consumo e o espetáculo dos produtos científicos, elementos característicos desse cenário, na presente fase de desenvolvimento do capitalismo, ganham destaque.

Os efeitos dessa espetacularização afetam também a produção e os produtores da ciência no contexto universitário. Assim, ainda que alguns docentes, independente da natureza e dos fundamentos sociopolíticos que norteiam suas reflexões epistêmicas, tenham ajudado a edificar de forma entusiasmada um novo arquétipo de produção científica universitária, seja atuando em programas de Pós-Graduação, seja produzindo

alucinadamente, os efeitos sobre a saúde desses profissionais não tardou a se manifestar física e também mentalmente.

Nesse sentido, deve ganhar mais importância nas lutas sociopolíticas travadas pelos professores, não apenas os universitários, a questão da saúde. Hoje em dia, além dos desgastes osteomusculares, o docente enfrenta os mais diversos tipos de transtornos mentais que prejudicam sua carreira, bem como sua vida. Ser docente de programas de Pós-Graduação confere certa glória profissional. No entanto, os prejuízos à saúde são cada vez mais evidentes. “Viver não cabe no *Lattes*”. O atual estágio de desenvolvimento capitalista, elevando exponencialmente a exploração daqueles que vivem do trabalho, alcançou também os profissionais do magistério. São dadas as condições objetivas para o desenvolvimento de situações de sofrimento e adoecimento, com íntima relação com processos de desestruturação psíquica que atingem fortemente docentes que desenvolvem boa parte de suas atividades laborais na Pós-Graduação. Não era a pretensão apresentar considerações generalistas. Por isso, é oportuno que estudos futuros possam dar ênfase a aspectos quantitativos e meta-analíticos, tendo em vista o cenário sociopolítico em que são orquestradas determinadas políticas públicas educacionais e atentando para a instabilidade econômica e política que impelem um profundo corte orçamentário no campo educacional, precarizando ainda mais o descompromisso histórico com a educação pública, bem como com os docentes que se prontificam a ensinar em condições bem nebulosas, em sintonia com a racionalidade “*publish or perish*”.

Referências

AGAMBEN G. **Profanaciones**. Barcelona: Anagrama, 2005.

ASSUNÇÃO, A. e OLIVEIRA, D. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. **Educ. Soc.** vol.30, n.107, pp. 349-372, 2009.

BAIÃO, L. e CUNHA, R. Doenças e/ou disfunções ocupacionais no meio docente: uma revisão de literatura. **Revista Formação@Docente**. Belo Horizonte, vol.5, n 1, jan/jun 2013.

BATISTA, J. et al. Transtornos mentais em professores universitários: estudo em um serviço de perícia médica. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental**. Online, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 4538-4548, apr. 2016.

BIANCHETTI, L. & MACHADO, A. M. N. “Reféns da produtividade”: sobre produção de conhecimento, saúde dos pesquisadores e intensificação do trabalho na pós-graduação. GT: Trabalho e Educação, 9. **Anped**, 2008.

“Publish or perish”: o produtivismo acadêmico e o adoecimento docente

BIANCHETTI, L.; VALLE, I.R.; PEREIRA, G.R.M. **O fim dos intelectuais acadêmicos?** Induções da Capes e desafios às associações científicas. Campinas, SP: Autores Associados, 2015.

BIANCHETTI, L. e ZUIN, A. O intelectual universitário e seu trabalho em tempos de “pesquisa administrada”. In: **Educação em Revista**. Belo Horizonte. v. 28, n. 03, p. 55-75. Set, 2012.

BOURDIEU, P. **Contrafogos**. Táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

CHO, Jeasik; TRENT, Allen. Validity in qualitative research revisited. **Qualitative Research Journal**, v. 6, n. 3, p. 319-340, 2006.

CRESWELL, J. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Porto Alegre. Editora Penso, 2014.

DAL ROSSO, S. Intensidade e imaterialidade do trabalho e saúde. In: **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 4 n. 1, p. 65-91, 2006.

DAL ROSSO, S. **Mais trabalho!** A intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

DEJOURS, C. ABDOUCHELY, E. Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELY, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho**. S.P.: Atlas, 1994, p. 120-145.

DOMINGUES, Eliane. Autoria em tempos de "produtivismo acadêmico". **Psicol. estud.**, Jun 2013, vol.18, no.2, p.195-198.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. [1930/1929]. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-210, maio/ago. 2006.

JACQUES, M. Abordagens teórico-metodológicas em saúde/doença mental & trabalho. **Psicol Soc** 2003; 15:97-116.

LA BOÉTIE, E. de. **Discurso da servidão voluntária**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986 .

LEHER, R. e LOPES, A. Trabalho docente, carreira e autonomia universitária e mercantilização da educação. **VII Seminário redestrado – nuevas regulaciones en américa latina buenos aires**, 3, 4 y 5 de julio de 2008.

LUZ, M. Fragilidade social e busca de cuidado na sociedade civil de hoje. In: PINHEIRO, R.; MATTOS, R. A. (Orgs.). **Cuidado**: as fronteiras da integridade. São Paulo: Hucitec, 2004. p. 9-20

LUZ, M. Prometeu Acorrentado: Análise Sociológica da Categoria Produtividade e as Condições Atuais da Vida Acadêmica. **PHYSIS**: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 15(1):39-57, 2005

MOREIRA, A. A Cultura da performatividade e a avaliação da Pós-Graduação em Educação no Brasil, **Educação em Revista**, nº 25 (3), 23-42, 2009.

OLIVEIRA, D. A. As reformas educacionais e suas repercussões sobre o trabalho docente. In: OLIVEIRA, D.A. (Org.) **Reformas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 13-35.

SGUISSARDI, V. & SILVA JUNIOR, J. R. **Trabalho intensificado nas federais: pós-graduação e produtividade acadêmica**. São Paulo: Xamã, 2009.

SILVA JUNIOR, J. R. **Pragmatismo e populismo na educação superior nos governos FHC e Lula**. São Paulo: Xamã, 2005.

SGUISSARDI, V. & SILVA JUNIOR, J. R. Reforma da educação superior no Brasil: renúncia do Estado e privatização do público. **Revista Portuguesa de Educação**, 13 (2), 81-100, 2000.

TREIN, E; RODRIGUES, J. O mal-estar na academia: produtivismo científico, o fetichismo do conhecimento-mercadoria. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 48, p. 769-792, 2011. Disponível em: Acesso em: 10 dez. 2014.

Notas

¹ Pesquisa financiada Pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) e contou com a colaboração das bolsistas Érika da Cruz Bararuá e Flavia Benedita da Costa Corrêa.

² Esse processo ocorre também na Educação Básica e é verificado, conforme Oliveira (2003), quando: “O professor, diante das variadas funções que a escola pública assume, tem de desempenhar papéis que estão para além de sua formação. Muitas vezes, esses profissionais são obrigados a desempenhar as funções de agente público, assistente social, enfermeiro, psicólogo, entre outras. Tais exigências contribuem para um sentimento de desprofissionalização, de perda de identidade profissional, da constatação de que ensinar, às vezes, não é o mais importante” (OLIVEIRA, 2003, p. 33).

³ É oportuno esclarecer que: “Na história do Capitalismo, a manipulação dos graus de intensidade do trabalho esteve sempre relacionada com o objetivo de resultados. A alteração da intensidade para mais aumenta os resultados do trabalho e a alteração para menos os diminui. Em síntese, quanto maior a intensidade, mais resultados são produzidos pelo trabalho no mesmo período de tempo considerado. No processo de desenvolvimento econômico, a elevação da intensidade do trabalho constitui uma força motora do crescimento. A intensificação do trabalho como produtora de crescimento econômico contém um problema social e moral implícito da maior relevância: não se trata pura e simplesmente de formas distintas de exploração da mão-de-obra humana” (DAL ROSSO, 2006, p. 65-9).

⁴ Os docentes foram identificados de forma simples, tendo em vista a garantia do anonimato a que me comprometi, conforme acordado com cada um: I UEPA, II UEPA, III UEPA, IV UEPA, V UEPA, VI UEPA, VII UEPA, VIII UEPA, I UFPA, II UFPA III UFPA, IV UFPA, V UFPA, VI UFPA, VII UFPA, VIII UFPA.

⁵ Günther (2006, p. 206-7), procurando resumir alguns questionamentos referentes à produção de uma pesquisa qualitativa (tendo em vista sua validação e confiabilidade) apresenta algumas questões que devem ser levadas em consideração: “As perguntas da pesquisa são claramente formuladas? O delineamento da pesquisa é consistente com o objetivo e as perguntas? Os paradigmas e os construtos analíticos foram bem explicitados? A posição teórica e as expectativas do pesquisador foram explicitadas? Adotaram-se regras explícitas nos procedimentos

metodológicos? Os procedimentos metodológicos são bem documentados? Adotaram-se regras explícitas nos procedimentos analíticos? Os procedimentos analíticos são bem documentados? Os dados foram coletados em todos os contextos, tempos e pessoas sugeridos pelo delineamento? O detalhamento da análise leva em conta resultados não-esperados e contrários ao esperado? A discussão dos resultados leva em conta possíveis alternativas de interpretação? Os resultados são – ou não – congruentes com as expectativas teóricas? Explicitou-se a teoria que pode ser derivada dos dados e utilizada em outros contextos? Os resultados são acessíveis, tanto para a comunidade acadêmica quanto para os usuários no campo? Os resultados estimulam ações – básicas e aplicadas – futuras?”.

⁶ Trata-se de um sistema usado para classificar a produção científica dos programas de Pós-Graduação, tendo por base artigos publicados em periódicos científicos. Após a avaliação, a CAPES disponibiliza uma lista com a classificação desses periódicos que são enquadrados em estratos indicativos da qualidade nos quais o A1 é o mais elevado, seguida respectivamente por A2; B1; B2; B3; B4; B5 e C.

⁷ Segundo Domingues (2013, p. 195): “No Brasil, a expressão “produtivismo acadêmico [...] está relacionada a uma matéria publicada pelo Jornal Folha de S. Paulo em 21/2/1988, intitulada “A lista dos improdutivos”. Nessa matéria, o jornal dedicou várias páginas à temática da produção acadêmica e publicou uma lista fornecida pela Reitoria da USP em que são apresentados os nomes daqueles professores que nada tinham produzido nos anos de 1985 e 1986, o que correspondia a 1/4 dos docentes daquela instituição. O critério adotado de produção para definir docentes improdutivos foi apenas quantitativo e incluía: publicações [...] comunicações em congressos científicos e audiovisuais.

⁸ De acordo com Moreira (2009, p. 32): “A performatividade corresponde a uma tecnologia, a uma cultura e a uma forma de regulação que se serve de críticas, comparações e demonstrações como meio de controle, pressões e mudanças. Trata-se de uma luta por visibilidade, que pode ser vista como um verdadeiro “sistema de terror” [...] segundo o qual os desempenhos (de sujeitos individuais ou organizações) servem como medidas de produtividade e rendimento, ou como demonstrações de “qualidade” ou ainda como “momentos” de promoção ou inspeção).

⁹ A CAPES, de acordo com Leher e Lopes (2008), disseminou a incorporação de uma lógica produtivista, pragmática e utilitarista já presente nos mecanismos de financiamento do Ministério de Ciência e Tecnologia, impondo, assim, “que as publicações sejam limitadas a um conjunto de periódicos qualificados e que a produção do conhecimento gere produtos úteis, utilidade essa que os Conselhos do Ministério de Ciência e Tecnologia, também compostos por representantes das empresas, aferirão conforme a eficácia da pesquisa *vis-a-vis* ao mercado” (LEHER; LOPES, 2008, p. 84-85).

¹⁰ Considerei no levantamento apenas as informações em que houve a informação da CID (Código Internacional de Doenças) pelos docentes.

Sobre o autor

Raimundo Sérgio de Farias Júnior

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Pará. Professor Adjunto II da Universidade do Estado do Pará. E-mail: jrbarcafarias@yahoo.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5116-0360>

Recebido em: 23/08/2019

Aceito para publicação em: 20/09/2019